



O acordeão diatónico, afinal é disso que se trata, foi patenteado por volta de 1825, pelo construtor de órgãos Austríaco Vienense, Ceryl Damien Pertrani, que resolveu democratizar a música construindo um órgão portátil. Era ainda uma consola de notas alinhadas numa carreira com um fole e amarrada a uma placa de madeira accionada pela mão direita (fosse o caso).

Evoluiu para a configuração actual com a melodia na mão direita e os baixos na mão esquerda (com os foles no meio que fornece pelo movimento alternativo das mãos, o ar necessário) instrumento que apareceu em Portugal no fim do século dezanove. Chamavam-lhe harmónio. Adoptado pelas comunidades rurais que, devido á sua concepção simples da música tonal, (fecha na tónica e abre na dominante, por isso diatónico, com os baixos a trabalharem na correspondência) depressa nele meteu os viras as chulas e as cana verdes.

Pelos anos trinta ainda era um instrumento intruso e "dissonante" na e com a nossa tradição Musical. Por essa altura Gonçalo Sampaio, de Braga clamava contra o aparecimento do harmónio nas tocatas de S. João.

**Mais tarde foi crismado de concertina, sabe-se lá porquê!**

Mas a nossa concertina não é mais do que aquele mesmo instrumento – Acordeão diatónico – adoptado também por outras comunidades de mar e monte de todo o mundo, ou quase!

Os bascos chamam-lhe Trikitixa e meteram nele, as Arin Arinas, os fandangos, as Beribiliquetas, os Irlandeses os seus Jigs.

Os ingleses chamam-lhe Melodeon. Os bretões tocam nele o que de melhor há na música popular francesa. Itália, Sardenha, Alemanha, Suíça, Rússia, Holanda, Bélgica, não a dispensam.

Na África do Sul chamam-lhe Squeese Box. Chegou a Cabo Verde onde em Santiago se toca o Funaná como o nosso "Julinho da Concertina".

No Brasil chamam-lhe Gaita Ponto. Na Colômbia é pura e simplesmente "el acordeón" onde tocam as cumbias e os passeos.

No Texas toca-se o Tex-Mex em Honners iguaizinhas às nossas. São os corridos Mexicanos e as polcas e chotins importadas da Europa Central. No Luiziana é o Cajun. E no Canadá é o som do Quebeque.

Em Portugal e na tradição ficou o tocador da concertina que normalmente está associada aos viras, chulas, gotas e cana verdes.

No entanto outras músicas há que se tocam nesse instrumento. Ouçam o Senhor Bernardo Lopes Póvoa, de Benavila, Aviz, que para além dos corridinhos das saias alentejanas e fados beirões também toca a polca, a mazurca e o chotisse. Caso raro senão único no Portugal da tradição.

Um pouco atrasados – à portuguesa – redescobrimos a concertina.

Encontramo-nos para a tocar. E, na **Barrenta**, é a ocasião para rever o instrumento tocando não só a tradição mas também outras e novas formas musicais.

Este curto não passa de um levantar do véu. O melhor é ir lá para ver e ouvir o que isto significa.

Eng. António Barros Lopes



Mira de Aire

